

A ARTE LITERÁRIA E A HISTÓRIA: UM ESTUDO SOBRE AS CONTRADIÇÕES HISTÓRICAS E FUNDAMENTAIS DO ESPAÇO SERTANEJO NA OBRA “MORTE E VIDA SEVERINA”

Franciel Coelho Luz de Amorimⁱ

Resumo: O artigo centra-se na relação entre a história e a literatura, na condição de ramos particulares da produção científica, bem como na compreensão de ambas enquanto fenômenos que emergem do processo histórico social, geral e unitário na evolução da humanidade. Ambas possuem suas leis particulares (a história se diferencia da literatura) e ao mesmo tempo relações/interações entre si e com a totalidade do movimento histórico. Objetivamos em um exercício prático identificar as contradições do sertão na obra “*Morte e Vida Severina*” de João Cabral de Melo Neto, através das atividades desenvolvidas no projeto de Iniciação à Docência do PIBID/UPE-CAPEs as quais se utilizou a referida obra para trabalharmos a relação sertão/natureza em sala de aula, bem como o conjunto de contradições que permeiam a trama literária e suas determinações históricas na apreensão da realidade. A aplicação teórica do materialismo dialético, no que concerne à estética e a história marxista da literatura e da arte, nas formulações de Lukács (2011), aplicam-se ao conjunto histórico do universo e da sociedade, identificando as particularidades (assim como suas contradições internas) como nexo de ligação com a realidade em sua totalidade/concreticidade histórica. A análise aponta para o conjunto estético e literário do referido poema na vinculação com a realidade específica das oligarquias-latifundiárias, conformadas em alta concentração territorial, na opressão e exploração dos camponeses pobres de uma dada e específica região, compreendendo o Estado de Pernambuco.

Palavras-chave: História e literatura, Oligarquias-latifundiárias, Camponeses pobres.

Resumem: el artículo se centra en la relación entre la historia y la literatura, en la condición de ramas particulares de la producción científica, bien como en la comprensión de ambas mientras fenómenos que emergen del proceso histórico-social, general y unitario en la evolución de la humanidad. Ambas poseen sus leyes particulares (la historia se diferencia de la literatura) y al mismo tiempo relaciones/interacciones entre sí y con la totalidad del movimiento histórico. Objetivamos en un ejercicio práctico identificar las contradicciones históricas del Sertão en la obra “*Muerte y Vida Severina*” de João Cabral de Melo Neto, través de las actividades desarrolladas no Proyecto de Iniciación a la Docencia do PIBID/UPE-CAPEs, las quías se utilizó de la referida obra para trabáramos la relación Sertão/naturaleza en sala de aula, bien como el conjunto de contradicciones que permean la trama literaria y sus determinaciones históricas en la aprensión de la realidad. La aplicación teórica del Materialismo dialéctico, no que concierne la estética y la historia marxista de la literatura y de la arte, en las formulaciones de Lukács (2011), aplican-se a conjunto histórico del universo y de la sociedad,

identificando las particularidades (así como sus contradicciones internas) como nexo de ligación con la realidad en su concrecicdade/totalidad histórica. La análisis apunta para el conjunto estético e literario del referido poema en la vinculación con la realidad específica de las oligarquías-terratenientes, conformadas en alta concentración territorial, en la opresión e exploración de los campesinos pobres de una dada e específica región, comprendiendo el Estado de Pernambuco.

Palabras-clave: Historia y Literatura, Oligarquías-terratenientes, Campesinos pobres.

INTRODUÇÃO

Entender a relação entre história e literatura (enquanto ramos particulares do mundo científico) requer antes compreendermos que por trás dessa relação existe outro processo bem mais complexo. Trata-se do movimento de evolução histórica da sociedade no seu sentido geral e unitário. Dentro desse processo histórico existem em cada espaço e tempo específico diversas leis particulares, as quais existem enquanto fenômenos que se desenvolvem no desenrolar das circunstâncias históricas. História e Literatura são dois fenômenos particulares, tanto da ciência, como do próprio conjunto histórico de transformação da sociedade. Procuraremos ao longo das linhas que se seguem compreender como se conforma o processo geral e unitário da história da humanidade e as leis particulares que dele emergem, bem como as relações/interações entre as leis particulares (a história com a literatura) e com a totalidade do movimento histórico.

A assertiva procura analisar por meio do materialismo histórico dialético a arte literária e suas dimensões na história (em seu processo unitário), ou seja, compreender a literatura como um fenômeno particular que se funda no processo histórico com suas leis particulares e ao mesmo tempo em interação com os outros fenômenos ou ramos da ciência (como a história, por exemplo) e da vida social humana. A arte literária não pode ser encarada pela ciência histórica apenas como fonte de análise, mas sim nos seus mecanismos de apreensão da realidade histórica a qual está inserida. Nesse sentido, objetivamos em um exercício prático identificar as contradições do sertão na obra “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto, bem como a contradição principal que permeia a trama literária e suas determinações históricas.

A metodologia versou das discussões teóricas tidas ao longo das atividades do projeto intitulado “A relação sertão/natureza por meio de obras literárias” do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID/UPE-CAPES, bem como das atividades desenvolvidas em sala de aula utilizando-se da obra “*Morte e vida Severina*” como aporte de compreensão histórico-literário das significações e contradições do espaço sertanejo e suas particularidades históricas.

1 O PROCESSO UNITÁRIO DA HISTÓRIA E SUAS LEIS PARTICULARESⁱⁱ

Para uma abordagem na relação da história com a literatura (enquanto constituintes particulares da ciência moderno-burguesa) necessitamos antes realizarmos um apanhado na compreensão e dissociação daquilo que é o processo unitário geral da humanidade, no seu sentido unicamente histórico e os fenômenos particulares – a história e a literatura na condição de ramos da ciência conformam duas leis específicas - nesse processo geral do desenvolvimento histórico. Ao analisar a *Introdução aos Escritos estéticos de Marx e Engels*, de G. Lukács, encontramos a definição do sistema marxista, em contraste com a filosofia burguesa-moderna, para o processo unitário da história. Segundo Lukács (2010, p. 11-12) para Marx e Engels a ciência histórica é a única unitária existente, pois a mesma “concebe a evolução da natureza, da sociedade, do pensamento etc., como um processo histórico único, procurando descobrir as leis gerais e as leis particulares (isto é, aquelas que são específicas de determinados períodos) deste processo”.

A partir do materialismo histórico dialético identificamos as bases de compreensão desse processo histórico geral e unitário da humanidade, no seio desta teoria se encontram a estética e a história da literatura e da arte (LUKÁCS, 2010). Não se propõe com isso relativizar a história da humanidade, pois nesta concepção, o absoluto e o relativo constituem uma unidade, sendo que dialeticamente as questões tidas como absolutas se revestem no tempo e no espaço de elementos relativos e as circunstâncias relativas enquanto reflexos da realidade constituem-se de vigores absolutas. Nesse sentido, a concepção marxista resigna da acentuada separação e completo isolamento dos campos particulares da ciência – assim como se acentua a história e a literatura - tal como se deu na configuração da sociedade burguesa. Essa rejeição parte do entendimento de que “nem a ciência,

nem os seus diversos ramos, nem a arte, possuem uma história autônoma, imanente, que resulte exclusivamente da sua dialética interior. A evolução em todos esses campos é determinada pelo curso de toda a história da produção social em seu conjunto.” (LUKÁCS, 2010, p. 12). Cada particularidade engloba a totalidade, ou seja, a existência, o desenvolvimento, as mudanças e o papel de cada um destes campos particulares de estudo é determinação do processo geral de produção social em seu conjunto histórico.

As concepções acima descritas ferem aos diversos princípios postulados pela ciência burguês-moderna, mas não condiz a preceitos mecanicistas, idealistas e por aparências de cunho discursivas e muito menos do subjetivismo vulgar que escamoteia a realidade concreta ao considerar os fenômenos como estáticos e isolados, sem consideração para com suas contradições internas e sua contextualização com o mundo externo. O marxismo não recusa ou nega a autonomia relativa de cada campo da ciência em seus particulares papéis científicos (história, literatura, geografia, direito, economia, etc.,) e muito menos a ligação de uma determinada corrente de pensamento com outra que lhe foi anterior, que lhe deu bases de existência, na sua contestação, superação, etc. “Marx e Engels negam apenas que seja possível compreender o desenvolvimento da ciência ou da arte com base exclusivamente, ou mesmo principalmente, em suas conexões imanentes.” (LUKÁCS, 2010, 12).

A dialética materialista considera que o desenvolvimento histórico da sociedade situa-se sobre uma base material e econômica. Sim, isso é verdade. Mas não exclui de maneira alguma as determinações, geralmente ditas como superestruturas (dentre elas a arte e a literatura), ou não seria materialismo dialético, não somente pelo princípio da totalidade, mas pelo conjunto de relações e interações que ambas desempenham no movimento de suas próprias contradições internas e com os demais fenômenos que compreendem a estruturação econômica e social. Ao tratar na sua filosofia marxista os aspectos mais indispensáveis no entendimento “*Sobre a contradição*” Mao Tse-tung aponta que:

Contrariamente a concepção metafísica do mundo, a concepção materialista-dialética entende que, no estudo do desenvolvimento de um fenômeno, deve-se partir de seu conteúdo interno, das suas relações com os outros fenômenos, quer dizer, deve-se considerar o desenvolvimento dos fenômenos como sendo o seu movimento próprio, necessário, interno,

encontrando-se aliás cada fenômeno no seu movimento, em ligação e interação com os fenômenos que o rodeiam.(TSE-TUNG, 2009, p. 34)

O marxismo parte do entendimento de que a base material da sociedade é o fator de determinante explicação da realidade, sendo que no processo de evolução histórica o homem se diferenciou dos animais pelo seu trabalho. Na ruptura com a filosofia hegeliana Marx deixou claro que “o modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX apud SOUZA, 2012, p. 194).

Nessa base histórica surgiu o método dialético, o qual se aplica ao todo da matéria, ao conjunto histórico do universo e da sociedade, o mesmo compreende a particularidade (bem como suas contradições internas) como um nexo de ligação com a realidade concreta em sua totalidade, ou seja, segundo Lênin (1973), o particular (história e literatura) e o geral (o processo unitário da história) são idênticos, pois o particular existe na relação com o geral, o geral reside no particular, pelo particular e com isso o particular ganha seu caráter geral; mas, o geral integra apenas de maneira aproximada todos os elementos isolados, etc. Compreender o princípio dialético da totalidade significa “[...] também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes.” (KOSIK apud SOUZA, 2012, p. 195). Nesse sentido, história e literatura enquanto particularidades da ciência também se interagem nas circunstâncias do movimento histórico unitário da sociedade.

A metafísica e a dialética são as duas concepções que buscam a compreensão desse processo histórico geral e unitário do mundo. No texto intitulado “*En Torno a la cuestion de la dialectica*” Lênin (1973) demonstra que a primeira condiz a uma fixidez de análise estática dos fenômenos, na condição de deslocamento, diminuição e acréscimo, considerando apenas as determinações de forças externas e jamais o fenômeno em suas contradições internas, sendo então a-histórica, condicionada a uma falsa consciência de realidade. A segunda refere-se ao movimento fluido, como unidade dos contrários, propiciando a destruição do velho e o nascimento do novo: Lênin enfatiza essa diferenciação ao colocar

As duas concepções fundamentais (ou as duas possíveis? Ou as duas que se observam na história?) do desenvolvimento (da evolução) são: o desenvolvimento no sentido de diminuição e aumento, como repetição, e o

desenvolvimento no sentido da unidade dos contrários (o desdobramento em dois polos que se excluem mutuamente e a relação entre ambos). (LÊNIN, 1973, p. 149, tradução nossa).

O princípio da totalidade desenvolvido por Engels na “*A dialética da natureza*”, exposto nas considerações acima postuladas, versa da interação (dialética) dos fenômenos e objetos da história na recíproca relação com o todo, indica a concreticidade da realidade em seu conjunto histórico. É por essas premissas que tratamos de uma unidade histórica, pelo princípio da totalidade, tendo em vista que o real concreto funda-se na história, bem como nas suas circunstâncias temporais. Na introdução da referida obra *F. Engels* traz-nos um exemplo, ao abordar o surgimento da *ciência geológica*, que passou a mostrar não apenas as camadas que compunham a terra e suas disposições existentes, mas resquícios e rastros de animais e plantas já extintas da natureza. “Houve que decidir-se a reconhecer que não apenas a Terra, grosso modo, mas também a sua superfície actual e as plantas e os animais que aí vivem, tinham uma história temporal.” (ENGELS, 1982, p. 7-8).

As contradições necessitam ser compreendidas como unidade dos contrários. Sendo que o principal numa análise guiada pelo método dialético é a identificação e ao mesmo tempo compreensão das contradições que permeiam o fenômeno em seu conjunto: o relativo e o absoluto, a quantidade e a qualidade, o positivo e o negativo, a aparência e a essência, o interno e o externo, o simples e o complexo, etc., ou seja, uma força não existe sem a outra, uma depende da outra para existir enquanto contradição no seio de um fenômeno. Por isso “o princípio da contradição é central na apreensão da realidade, pois em todas as coisas existem forças que se opõem e que simultaneamente formam uma unidade.” (SOUSA, 2012, p. 196). A existência da contradição está no sentido universal, pois em todas as coisas existe esse movimento, inclusive na própria vida que é contrária a morte.

Essa existência universal da contradição em todos os fenômenos é inquestionável nos princípios do método dialético, mas, além disso, existe algo mais. Em cada fenômeno existe no seu ímo uma contradição que desempenha o papel diretor, principal e que condiciona as outras contradições a sua existência. Entendemos que “se um processo comporta várias contradições, existe necessariamente uma delas que é a principal e desempenha o papel diretor, determinante” (TSE-TUNG apud SOUSA, 2012, p. 196).

Encontrar essa contradição não é de fácil tarefa, pois necessitamos antes realizar várias análises, a miúdo, de cada contradição que comporta o fenômeno na sua unidade contrária, ou seja, seus dois aspectos de existência enquanto contradição, bem como a ligação/interação das contradições do fenômeno com as contradições dos outros fenômenos na compreensão da concreticidade/totalidade no desenvolvimento geral da sociedade. Ao identificarmos a contradição principal, identificaremos também que as outras contradições estão em situação secundária, pois a solução desta subordina a resolução daquelas. “Fica claro que a contradição é a lei fundamental da dialética materialista. Para desvendarmos tal lei, que é a essência da dialética, é preciso investigar profundamente os fenômenos, os problemas que lhe dão origem”. (KOSIK apud SOUSA, 2012, p. 197). Contudo, para compreendermos a arte literária, o seus aspectos históricos e estéticos, assim como a penetração da literatura na realidade, temos que considerá-la particularidade do processo geral e unitário da história, com contradições internas, em interação com os outros fenômenos de caráter também particular (como a historiografia) que situam o movimento histórico da sociedade.

1.1 A ARTE LITERÁRIA NA APREENSÃO DA REALIDADE HISTÓRICA

A literatura não pode ser encarada como mero fator discursivo no cerne da história. A literatura emerge do próprio movimento que cunha sentido na História (enquanto ciência), integra-se no próprio movimento histórico e com isso constitui-se como prática histórica. A literatura ainda é, enquanto narrativa, um meio de compartilhar os anseios particulares e coletivos de uma dada realidade social e cultural. A narrativa literária comporta elementos individuais e coletivos, sendo que tensões, expectativas, apreensões e ideologias contracenam entre os autores, as narrativas e a diversidade de olhares lançados a posteriori, regendo assim representações, significados ou mesmo críticas a uma determinada realidade social específica, situada no tempo e no espaço. Para Lukács (2010, p. 24) nas tramas literárias dos grandes escritores consagrados na história a meta foi sempre “[...] a reprodução artística da realidade: a fidelidade ao real, o esforço apaixonado para reproduzi-lo na sua integridade e totalidade, tem sido para todo grande escritor (Shakespeare, Goethe, Balzac, Tolstoi) o verdadeiro critério da grandeza literária”.

Uma das obras mais significantes do materialista dialético György Lukács (1885-1971) intitula-se "*O romance histórico*", nela o filósofo húngaro desenvolveu não uma obra de cunho historiográfica, nem da história da literatura, mas sim a relação da história com a literatura (enquanto leis particulares) e com o processo geral e unitário da sociedade em seu sentido unicamente histórico, bem como o reflexo deste na produção da arte literária.

A abordagem permeia o sentido histórico da literatura a partir da tradição do romance histórico, surgido ainda no século XVIII, na inquietação de conhecimento do passado, bem como no contexto das contradições de uma sociedade em declínio das suas antigas estruturas (a velha feudalidade) e ascensão e efetivação das estruturas burguesas. É nessa base de "convulsões sócio-históricas" que surge o romance histórico. Os aspectos que lhe dão forma estética emergem, nas obras de Walter Scott (1771-1832): "O que falta ao pretense romance histórico anterior ao de Walter Scott é o elemento especificamente histórico: o fato de a particularidade dos homens ativos derivar da especificidade histórica de seu tempo". (LUKÁCS, 2011, p. 33).

Para Lukács (2011), Walter Scott figurou-se como um dos principais nomes nesse tipo de produção literária, ligando-a a realidade histórica que o cercava, através da interação mútua dos elementos particulares, a miúdo, como os próprios indivíduos, nas suas ações sócio-históricas chegando à identificação dos aspectos mais gerais da totalidade histórica. Pois, "[...] o que importa para o romance histórico é evidenciar, por meios ficcionais, a existência, o ser-precisamente-assim das circunstâncias e das personagens históricas." (LUKÁCS, 2011, p. 62).

A produção literária, além de ser um fenômeno da arte ou do conhecimento, é uma expressão comunicativa construída no seio da sociedade por apreensões individuais e/ou coletivas de uma dada realidade histórica, na qual se insere; a literatura também é expressão de uma realidade histórica-social concreta, sendo que uma determinada obra pode ser escrita ordenadamente em conexão ao mundo social, as injustiças, as desigualdades, as situações de penúria e miséria de um povo, etc.

[...] trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica. E é uma lei da figuração ficcional [...] que, para evidenciar as motivações sociais e humanas da ação, os acontecimentos mais corriqueiros e superficiais, as

mais miúdas relações [...] são mais apropriadas que os grandes dramas monumentais da história mundial. (LUKÁCS, 2011, p. 60).

Quando essa produção é identificada na sua estética e na sua escrita apenas em arguição/estruturação com a ficção, com a imaginação, não devemos esquecer que se trata de uma elaboração do ser social em sua plena consciência com a realidade do mundo material. Nesse caso, a construção literária, tipicamente fictícia a priori, pode trazer sentidos e significados que podem ser absorvidos pela consciência humana e aplicados em situações reais, concretas, determinantes na vida humana. “[...] a forma artística nunca é uma simples cópia mecânica da vida social. É certo que ela surge como espelhamento de suas tendências, porém possui, dentro desses limites, uma dinâmica própria, uma tendência própria à veracidade ou ao distanciamento da vida”. (LUKÁCS, 2011, p. 135-136). Contudo, devemos considerar que a literatura (no sentido particular, disciplinar de sua produção) não é unicamente “fonte histórica”, como muitos assim a consideram, é mais que isso, ela possui um papel social, seja na formação humana dos sujeitos ou na figuração da realidade histórica dos mesmos.

1.2 AS CONTRADIÇÕES ANTAGÔNICAS DO SERTÃO NA OBRA “MORTE E VIDA SEVERINA” DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Considerando as produções da arte literária como mecanismos de apreensão da realidade social, material, situada no tempo e no espaço e com o desdobramento de suas contradições imanentes, e, sobretudo, com uma contradição principal ou determinante dentro do fenômeno que partiremos a um exercício prático acerca do poema dramático “*Morte e Vida Severina*”, de João Cabral de Melo Neto, no qual ensaia a realidade social do dito “sertão” em deslocamento e contraponto as outras realidades fixas na zona da mata e ao próprio litoral pernambucano.

Para não nos determos apenas na obra, colocaremos, mesmo que brevemente uma pequena exposição sobre alguns aspectos do autor, João Cabral de Melo Neto (1920-1999), que estão diretamente relacionados à composição do poema “*Morte e vida Severina*” em 1954-55.

No ano de 1999 na cidade do Rio de Janeiro, alguns meses antes do seu falecimento, o poeta João Cabral de Melo Neto deu sua última entrevista. Esta foi concedida para o diretor de cinema e roteirista Bebeto Abrantes, que a época estava

pesquisando a trajetória artística/poeta de Melo Neto para a produção de um trabalho cinematográfico, o qual veio a ser lançado no filme “*Recife/Sevilha – João Cabral de Melo Neto*” no ano de 2003. Esta entrevista só veio a ser publicada na íntegra em 2009 como número especial da *Sibila: revista de poesia e cultura*, cuja se intitula “*Conversas com o poeta João Cabral de Melo Neto*”. Tendo mais de 130 páginas essa entrevista fornece um “testamento” histórico de toda a trajetória desse importante literato brasileiro, nela estão colocadas várias questões que ligam a vida do poeta Melo Neto, respondidas por ele mesmo, desde as primeiras influências da literatura na sua vida até as suas últimas produções, sendo abordadas as questões de dentro e de fora do país que fizeram parte de sua trajetória de vida.

Descendente direto das oligarquias do açúcar, João Cabral de Melo Neto nasceu no Recife em 1920 e retornou ainda recém-nascido para a zona açucareira de Pernambuco. Passou toda sua infância morando em engenhos de cana-de-açúcar no município de São Lourenço da Mata - PE (no engenho Poço do Aleixo) e no município de Moreno - PE (nos engenhos Pacoval e Dois Irmãos). No ano de 1930, aos exatos 10 anos de idade, a família de Melo Neto se muda para a cidade do Recife, ele inicia seus estudos primários no Colégio Marista. Sempre gostou muito de leitura e de futebol, chegou a jogar inclusive no time do Santa Cruz Futebol Clube sendo campeão juvenil em 1935ⁱⁱⁱ.

É justamente no Recife que o autor inicia sua brilhante trajetória de vida, chegou a trabalhar na segunda metade da década de 1930, no Departamento de Estatística do Estado de Pernambuco, momento em que passou a frequentar várias rodas literárias em cafés do centro de Recife. Começou a escrever já nos fins da década de 1930 com uma poesia apenas ligada aos sonhos, ao encantamento da vida e com um tipo de poesia aparente à cultura literária surrealista, bem como se registra na sua primeira obra publicada já em 1942, ainda no Recife, intitulada “*Pedra do sono*”. Mesmo não tendo uma inspiração ainda regionalista de apreensão da realidade social de sua região, o Nordeste brasileiro; Melo Neto conviveu e apreciou a produção literária da geração do romance de 1930, com autores como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, dentre outros.

Ainda nos primeiros anos de 1940 se muda para o Rio de Janeiro, segundo o próprio literato tinha a consciência que era “pobre” e tinha que conseguir emprego, sendo que no serviço público enxergava o melhor caminho. Então, segundo ele, mudar-se para o Rio foi necessário, uma vez que tinha certa a sua capacidade de

ser aprovado, então vai “para fazer o concurso para o Itamaraty. Nos estados não havia concurso para o Itamaraty [...]”. (MELO NETO, p. 37, 2009). A partir da segunda metade da década de 1940 Melo Neto já estava com três obras de poesia publicadas: “*Pedra do sono*” (publicada no Recife em 1942), “*Três mal amados*” (publicada já no Rio de Janeiro em 1943) e “*O engenheiro*” (também no Rio em 1945). Neste momento Melo Neto, já integrando a diplomacia do Itamaraty vai morar em Catalunha, na Espanha. Lá o autor vive várias experiências que mudaram a maneira de conduzir sua escrita poética a um caráter realista. “Assim, criam-se possibilidades concretas para que os homens apreendam sua própria existência como algo historicamente condicionado, vejam na história algo que determine profundamente sua existência cotidiana, algo que lhe diz respeito diretamente.” (LUKÁCS, 2011, p. 40).

Na Espanha o literato João Cabral disse que seu interesse pela arte literária espanhola foi despertado de imediato, tendo em vista, segundo ele os aspectos de uma literatura totalmente integrada às dimensões e relações da realidade humana. Segundo o próprio João Cabral esse interesse pelos elementos da poesia espanhola se deu “porque a literatura espanhola, no meu entender, é a literatura mais realista que há. Apesar de ser um pouco católico, mesmo os escritores católicos são realistas.” (MELO NETO, 2009, p. 42).

Também na Espanha, o literato pernambucano vai ter o contato mais estreito com a teoria marxista e a absolvição determinante de elementos realistas da poesia espanhola, o que fizeram com que Melo Neto retornasse por meio de sua poesia às problemáticas da sua região, utilizando-se de uma estética literária para cunhar denúncia às contradições que permeavam o seio nordestino, bem como as realidades as quais ele tinha vivido *in loco* nos engenhos de cana-de-açúcar e em toda a sua dinâmica de produção. “É justamente fora do país, na Espanha, que Cabral retornou à sua região. Motivado por ideias marxistas e pela necessidade de denúncia social na obra de arte, mas sem prejuízo da sua dimensão estética [...]”. (CARVALHO, 2009, p. 170).

O próprio João Cabral admitiu na referida entrevista citada acima, que a experiência na Espanha como diplomata o fez modificar completamente a maneira de fazer sua poesia, ou seja, a transformação de uma estética literária, que para muitos era considerada surrealista, embora o próprio literato tenha admitido que seus escritos anteriores não fossem guiados por uma inspiração poética surrealista.

Segundo o literato, eram poesias que tinham aparência surrealista, mas não se caracterizavam como tal, pois para ele os surrealistas penetravam a máxima do inconsciente, eles aspiravam ao instintivo ingênuo, aspectos estes que João Cabral dizia que lhe repugnava. Contudo, esta poesia aparente do surrealismo foi modificada pelos elementos da poesia realista espanhola e por um olhar para as dimensões da realidade histórica de seu país e de sua região. Como afirmação a isso ele colocou dizendo: “Se eu não tivesse sido diplomata, minha poesia seria completamente diferente.” (MELO NETO, 2009, p. 60). A obra poética *Morte e vida Severina*, escrita na Espanha no final de 1954 e início de 1955, marcou os rumos dessa mudança na escrita literária deste brilhante poeta pernambucano e aqui ela é o objeto de nosso estudo.

Nesse exercício nos deteremos apenas ao problema principal retratado na obra, e que não se resume de maneira alguma, as práticas discursivas, ao problema do espaço paisagístico ou ao “sertão” como conceito na condição atribuída aos espaços que contracenam a trama, pelo contrário, discutiremos no cerne da dialética materialista ao problema que iremos identificar como a contradição principal na denúncia poética de Melo Neto ([1954-55]-2009). O que não implica naturalmente desconsiderar as outras contradições que permeiam a trama, como entre o homem (em seu estado de pobreza) e a natureza (a situação árida, seca, etc. de uma dada região); o choque na diversidade cultural do homem sertanejo para com o homem dito civilizado; a contradição da vida (que é Severina “iguais em tudo na vida”) e a morte (que também é Severina, pois “ataca em qualquer idade”), dentre outras. Estas apenas são contradições que são determinadas ou impulsionadas pela contradição principal: a detenção de quase toda a terra pelos grandes “coronéis” latifundiários (seja na região árida: o sertão) ou na zona litorânea (e seus entornos mais evoluídos, chuvosos e produtivos) e consequente opressão e exploração dos camponeses pobres.

A Obra “*Morte e Vida Severina*” compõe-se de 18 (dezoito) cenas retratando a caminhada do indivíduo *Severino* que saindo do espaço dito sertanejo, percorrendo as margens do rio Capibaribe, chega ao dito litoral de Pernambuco na cidade do Recife. A identificação individual de Severino passa a uma conotação coletiva, pois “*severinos*” na generalização da trama são todos aqueles nascidos na região Nordeste, especificamente numa sub-região, cunhada pelo termo “sertão”, marcada historicamente pelo atraso social e pelas diversas mazelas sociais. O poeta João

Cabral atenta-se para algo importante e que devemos, enquanto penetrantes da história, atentarmos aqui também, a importância do distanciamento tanto do espaço, como no âmbito temporal foram elementos importantes para a construção da estética literária do autor.

Eu comecei a escrever sobre Pernambuco depois que eu saí de lá. Esse recuo é necessário. Enquanto eu morei em Pernambuco eu nunca escrevi sobre Pernambuco. [...] com o tempo, você vai vendo... você entende, vai se lembrando de sua vida de lá, das paisagens de lá, das coisas de lá, então você vê o que é que dá poesia naquilo. (MELO NETO, p. 60, 2009).

Nesse sentido, devemos atentar-nos para a delimitação histórica que se insere o drama literário, escrita em no final de 1954 e início de 1955 na Espanha, o autor estava há vários anos distante do seu país e de sua região. Contudo, temos que considerar que os elementos históricos de composição poética, apreendidos da realidade pelo autor, naturalmente, são bem anteriores e condicentes as circunstâncias históricas marcadas pelo coronelismo, e pelos desmandos sociais arcaicos desse passado, remontados em sua memória.

Já na primeira cena do drama Melo Neto (2009, p. 2) faz essa identificação geral dos homens que habitam tal região:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta.

E continua nos versos seguintes realizando tal identificação dos diversos homens *Severinos*:

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

(MELO NETO, 2009, p. 2-3).

A princípio já fica explícito ao nosso entendimento não apenas uma generalização dessas características igualitárias aos indivíduos situados ao espaço geográfico sertanejo, mas uma concreta identificação dos homens que compõem uma classe social específica, nativa, camponesa e que sobre diversos aspectos viviam em patamar de igualdade.

O que não indica que está igualdade de condições diga respeito apenas às condições da natureza, a seca e ao clima seco, dizia respeito às condições de ordenamento social, ao ponto que identificaremos como a contradição principal: a concentração fundiária e com ela a posse de quase toda a terra nas mãos dos grandes latifundiários perpetuados na história, em seus momentos específicos, seja na produção de açúcar ou na pecuária. Em contrapartida, uma grande massa de indivíduos sem terra ou com pouca terra (minifundista, em diminutas propriedades) que eram submetidos à exploração dos grandes coronéis^{iv}. Está é, com base no princípio materialista dialético, a contradição principal que perpassa na trama, as demais existem em função ou por causa da existência desta.

Evidenciaremos alguns dos diversos aspectos históricos expressados na trama em análise, ou seja, aspectos que compreendem a uma temporalidade do passado dessa região e que estão identificados na construção literária de Melo Neto. Como já explicitamos acima, a delimitação histórica desse poema não somente existe como pode ser interpretado na trama. O espaço sertanejo, referente ao Estado de Pernambuco, sempre foi marcado por diversos problemas de ordem social, como por exemplo, a matança por emboscada a ao inimigo que insatisfeito reclamava seus direitos junto aos coronéis latifundiários. Lembremos ainda que o espaço sertanejo era comandado pelas velhas oligarquias latifundiárias e com isso as leis da iniciante república não eram aplicadas, sendo essas feitas pelos próprios indivíduos poderosos, donos de quase toda a terra, faziam as leis a seus modos^v.

Na segunda parte do poema o retirante *Severino*, já cumprindo seu percurso de retirada, se depara com vários outros *Severinos* (os irmãos das almas) carregando numa rede um indivíduo morto para ser enterrado. Ele indaga sobre quem era o defunto, que logo descobre se chamar de *Severino Lavrador*, bem como ter sido morto numa emboscada. O retirante segue indagando aos seus *irmãos das*

almas sobre as circunstâncias da morte daquele lavrador morto e posto sobre a rede^{vi}:

— E o que havia ele feito
irmãos das almas,
e o que havia ele feito
contra a tal pássara?
— Ter um hectare de terra,
irmão das almas,
de pedra e areia lavada
que cultivava.
[...]
— E era grande sua lavoura,
irmãos das almas,
lavoura de muitas covas,
tão cobiçada?
— Tinha somente dez quadras,
irmão das almas,
todas nos ombros da serra,
nenhuma várzea.
(MELO NETO, 2009, p. 4-5).

Essa parte é muito importante, pois nos revela alguns desses aspectos históricos dessa região ou localidades sertanejas. Podemos observar que além dos desmandos de matança dos coronéis aos camponeses que os desobedecesse ou contra eles os rebelassem que existe uma temporalidade e uma definição concreta para a contradição central em nossa análise. Vejamos que o problema da terra, ou seja, o problema agrário e camponês aparece de forma explícita na passagem acima, ela não revela tão somente o assassinato de um camponês pobre, mas também uma realidade antagônica entre minifúndio/latifúndio (o pequeno camponês contra o grande latifundiário), bem como os desdobramentos de uma relação nada favorável ao pequeno camponês. O fato de possuir uma pequena parcela de terra (uma hectare) já representava um problema ao coronel, pois muitos desses grandes senhores almejavam a ampliação de suas fronteiras (muitas vezes se dava pela matança mesmo) e ao mesmo tempo a total disponibilidade de mão de obra para exploração. A resistência camponesa é histórica e está presente nesse passado arcaico e sua negação, juntamente a negação do problema agrário brasileiro, é uma grande incoerência histórica.

A caminhada do homem “*Severino*” é marcada por diversos desencontros com a esperança que o guiava em busca da vida, sendo que a morte era sempre apresentada como condição deparada. Mais adiante em seu trajeto, não muito longe da região da Zona da Mata, o homem *Severino* encontra-se diante de um velório em

que são cantadas *excelências* para o defunto que logo será enterrado, para o retirante é mais um elemento de desanimação. Muito mais desanimado ficou o dito retirante quando decide procurar trabalho e vê que ali a realidade era, talvez, ainda pior que a do lugar aonde veio. Nesse sentido, fica explícito que as péssimas condições sociais eram bem abrangentes em uma vasta área geográfica e a estética literária de João Cabral faz menção a diversos aspectos dessa geografia sertaneja. Bem como, podemos destacar que nesse abarcamento espacial os desmandos do poder da terra por parte dos senhores coronéis eram também amplos, em detrimento da maioria da população.

Por todos os lugares que o retirante *Severino* ia passando outros *Severinos* ele ia encontrando e a mesma contradição se mantendo. A passagem a qual consideramos a mais enfática e direta para compreendermos tal contradição, diz respeito às cenas sete e oito, as quais o retirante chega à Zona da Mata e encontra uma terra bastante macia, doce e produtiva, totalmente propícias a construção de uma nova vida. O retirante se mostra encantado, mas já começa a despertar para um detalhe a sua vista, uma imensa plantação de cana-de-açúcar a qual indaga:

Mas não avisto ninguém,
só folhas de cana fina;
somente ali à distância
aquele bueiro de usina;
somente naquela várzea
um bangüê velho em ruína.
Por onde andaré a gente
que tantas canas cultiva?
Feriando: que nesta terra
tão fácil, tão doce e rica,
não é preciso trabalhar
todas as horas do dia,
os dias todos do mês,
os meses todos da vida.
(MELO NETO, 2009, p. 12).

O que o retirante não esperava era o fato de estar se deparando com um grande latifúndio de cana-de-açúcar e nos seus entornos uma grande quantidade de “*Severinos*” que trabalhavam no cultivo da cana e ao mesmo tempo na usina, certamente em condições de coerção extra-econômica e supereexploração da força de trabalho. Contudo, observamos os dispositivos literários nos fornecendo uma compreensão histórica importante sobre aquela realidade histórica. As cenas dessa passagem remontam as usinas de cana de açúcar que aquela época estava superando totalmente a dinâmica dos velhos engenhos de açúcar, porém não

estavam superando de maneira alguma a estruturação da propriedade da terra que continuava concentrada nas mãos da aristocracia açucareira. Bem como, as velhas relações de produção e de exploração da força de trabalho se mantinham intactas com a mesma contradição. Assim como se pode observar na cena oito que segue a ser analisada, o retirante também não esperava se deparar com mais um enterro, agora na área do latifúndio, bem como ouvir as lamentações dos amigos do trabalhador de oito da cana que estava sendo enterrado:

— Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a cota menor
que tiraste em vida.
— É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
neste latifúndio.
— Não é cova grande.
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.
(MELO NETO, 2009, 12-13).

Nesta parte fica explícito a abrangência do problema principal referente ao antagonismo da questão da terra. Sendo que este não era somente um problema do espaço sertanejo de onde saiu o retirante Severino, tendo em vista que lá a concentração fundiária residia nos velhos coronéis, sobretudo, da atividade pecuária (nas gigantescas fazendas de gado); já aqui a concentração reside nos engenhos e usinas de cana de açúcar. As mudanças são no âmbito das atividades produtivas do dito sertão (onde se produz gado e seus derivados) para a zona litorânea (onde a produção passava a ser de açúcar). Não havia maiores alterações no âmbito das relações de trabalho e produção, o antagonismo da questão agrária estava posto a realidade da mesma forma, de um lado os grandes proprietários (produtores de gado e de cana de açúcar) do outro, agora em número bem maior, os camponeses sem terra ou com pouca terra (obrigados a se disporem aos grandes proprietários para sua exploração).

Em todas as partes que se seguem outras contradições são apontadas, como por exemplo, na situação de miséria de muitos outros *Severinos* que já tinham saído em retirada de suas origens e estavam situados na cidade do Recife, nos conglomerados de favelização, em condições mazeladas, de pobreza e totalmente

as margens do quadro social tido como “civilizado”. Triste realidade que passou a ser também do retirante *Severino de Maria do finado Zacarias*, que se junta a tantos outros lá já existentes, todos fugidos de suas realidades originais dos ditos sertões do Nordeste do Brasil. Mas, todas as contradições evidenciadas na trama, dão se em razão ou por motivo da contradição principal: o antagonismo da questão agrária. Os grandes coronéis-latifundiários contra a grande massa de camponeses pobres sem terra ou com pouca terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a literatura possui suas especificidades epistemológicas, de escrita e abordagem retórica, etc., não estamos aqui com esse trabalho querendo negar isso, apenas colocando que pelo cerne da dialética materialista, ela (enquanto fenômeno particular da ciência) tanto possui suas leis e contradições imanentes como possui suas intrincadas redes de interações e relações com os outros fenômenos e, sobretudo, com a produção historiográfica, pois ambas estão situadas dentro do mesmo processo geral e unitário da evolução da sociedade. A literatura também se acentua em mecanismos políticos e sociais, bem como de denúncia das diversas realidades sociais que se perpetuaram no processo de desenvolvimento histórico, e se perpetuam no tempo presente.

Portanto, nesse trabalho, evidenciamos algumas concepções no cerne da dialética, que colocam a literatura como um fenômeno particular, cuja sua construção se dá na matéria da vida, no plano das relações humanas em sociedade e em contato com as circunstâncias históricas de cada momento. O drama literário do brilhante literato pernambucano João Cabral de Melo Neto (2009) não foge a essa regra, está situado dentro de circunstâncias históricas específicas e traz na sua trama o desvelar de diversas contradições que permeiam a história de uma região do nordeste brasileiro, marcada por diversas contradições antagônicas, sendo a principal delas, a questão agrária e camponesa, na contradição do latifúndio com os camponeses sem terra ou com pouca terra.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, J. M. R. Del revisionismo británico ao postmodernismo: E. P. Thompson. In: *Nómadas: Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas*, v. 15, 2007.
- CANDIDO, A. *Iniciação à literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1999.
- CARVALHO, R. S. João Cabral de Melo Neto e a tradição do Romance de 30. *Estudos avançados*, 23 (67), 2009.
- ENGELS, F. Introdução à dialética da natureza. In: _____. *Obras Escolhidas em três tomos – tomo III*. Progresso: Moscú, 1982. p. 43-61.
- FAZENDA, I. A aquisição de uma formação interdisciplinar de professores. In: _____. (Org.). *Didática e Interdisciplinaridade*. 13 ed. Campinas: Papirus, 1998. p. 11-20.
- LÊNIN, V. I. En Torno a la cuestión de la dialéctica. In: _____. *Obras escogidas - tomo IV (1914-1915)*. Progresso: Moscú, 1973. p. 149-158.
- LUKÁCS, G. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 11-38.
- _____. *O romance histórico*. Tradução de Ruben Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARTÍN MARTÍN, V. O. La lucha por la tierra. Casos comparados de Brasil y España. In: SERRANO, J. A. S. *A vueltas con la agricultura: una actividad económica necesaria y marginada*. Málaga: Zambra, 2010. p. 43-70.
- MARX, C. Tesis sobre Feuerbach. In: MARX, C.; ENGELS, F. *Obras escogidas – tomo I*. Moscú: Progresso, 1980. p. 02 – 38.
- MELO NETO, J. C. *Morte e vida Severina*. Recife: Fundaj, Massangana, 2009.
- _____. Conversas com o poeta João Cabral de Melo Neto. In: *Sibila: Revista de poesia e cultura*, a. 9, n. 13, 2009.
- SEVERINO, A. J. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. In: FAZENDA, I. (Org.). *Didática e Interdisciplinaridade*. 13 ed. Campinas: Papirus, 1998. p. 31 – 44.
- SOUSA, M. M. O método dialético e as contradições da pesquisa educacional. In: *Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente*, Humaitá, a. 5, v. IX, n. 2, 2012. p. 192-204.
- TSE-TUNG, M. Sobre a contradição. In: _____. *Sobre a prática e sobre a contradição*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 31-77.

NOTAS

ⁱ Graduando em História - Universidade de Pernambuco - UPE Campus Petrolina. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID CAPES. E-mail: franciel10@hotmail.com.br. Orientadora: Dra. Janaína Guimarães da Fonseca e Silva – Profa. Titular do Departamento de História da Universidade de Pernambuco – UPE Campus Petrolina - e Coordenadora de Área do PIBID/Interdisciplinar/História.

ⁱⁱ Necessário faz-se ressaltar que nesse trabalho estamos aplicando uma categoria de análise histórica, o Materialismo Dialético. Por uma abordagem dialética materialista, entendemos que os fenômenos particulares, como por exemplo, História e Literatura (que se conformam como dois campos específicos da produção científica), não podem se explicados unicamente pelas suas composições imanentes e de contradições internas, mas tão somente ao considera-los na interação dialética de ambos com a totalidade do movimento histórico.

ⁱⁱⁱ Informações consultadas na referida entrevista, cuja está publicada sob o título: “Conversas com o poeta João Cabral de Melo Neto”. In: *Sibila*: Revista de poesia e cultura, a. 9, n. 13, 2009.

^{iv} Os grandes coronéis-latifundiários situados nesta zona geográfica entendida como sertão do Nordeste também eram considerados “sertanejos”, porém eles não levavam uma *vida Severina*, o que indica essa composição de classe antagônica entre tais latifundiários e os camponeses sem terra ou com pouca terra.

^v Expressões como o “Sertão sem lei” e “olho por olho, dente por dente” marcaram a memória social de muitos que residiam sobre a configuração dos mandos coronelísticos.

^{vi} A rede era uma marca da pobreza e miséria daqueles indivíduos que quando vivos sobre ela dormiam e quando morriam sobre ela eram enterrados, não tinham acesso ao caixão, mas todos os coronéis eram enterrados dentro de um formidável caixão.